

CARACTERIZAÇÃO DE ALBITITOS ÍGNEOS RELACIONADOS A SISTEMA RICO EM BORO NA PROVÍNCIA ESTANÍFERA DE GOIÁS

Nilson Francisquini Botelho¹; Silvia Maria da Silva Caldas²

¹ UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA; ² UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

RESUMO: Rochas ricas em albita são conhecidas em vários depósitos/ocorrências de estanho da Província Estanífera de Goiás (PEG), com destaque para aquelas situadas nas regiões de Monte Alegre de Goiás, Terezina de Goiás, Minaçu e Porto Real. Dois tipos de ocorrência são descritos: a) rochas hidrotermais, albitizadas, como nos granitos Sucuri, Mangabeira e Serra Dourada; b) albititos ígneos, associados a granitos evoluídos e pegmatitos peraluminosos da Suíte Aurumina. A discussão sobre origem de albititos tem ampla divulgação na literatura, principalmente no que diz respeito à origem ígnea ou hidrotermal dessas rochas. Essa discussão tem aplicação importante no estudo de seu potencial metalogenético, com tendência a atribuir maior potencial às rochas hidrotermais. Na PEG, são descritas rochas mineralizadas de ambos os tipos, ainda pouco estudadas, o que a torna área especial para esse tipo de estudo. Os albititos da região de Porto Real e Monte Alegre de Goiás são caracterizados por textura de fluxo, com presença de albita, cassiterita, moscovita, e apatita, cristalizados respectivamente nesta ordem. Quartzo, turmalina, fluorita, wolframita e nióbiotantalatos são encontrados com pouca frequência. Os albititos ocorrem como bolsões irregulares, encaixados em granitos e xistos, acompanhados de muscovita-albita granito, turmalina-albita granito e pegmatitos, e são hospedeiros de importantes mineralizações de estanho, associadas aos sistemas ricos em boro da PEG. Esse tipo de rocha é comparável aos albititos de sistemas ricos em flúor, que apresentam as mesmas estruturas e texturas, como aqueles associados a topázio-albita granito, cujos exemplos brasileiros de melhor expressão encontram-se no Granito Madeira, em Pitinga, Amazonas, e nas pedreiras de granitos do tipo Asa Branca, no Ceará. Os cristais de albita (An₀₋₄) apresentam-se com hábito ripiforme, orientados segundo provável fluxo magmático. Grãos de cassiterita automórficos a subautomórficos exibem inclusões de albita, indicando que sua cristalização foi tardia em relação ao plagioclásio. Entretanto, localmente, foi observada textura semelhante à textura snow-ball, com as inclusões de albita orientadas aproximadamente segundo a zonação de crescimento da cassiterita. Moscovita aparece em duas gerações, uma ígnea e outra hidrotermal: a primeira é representada por cristais euédricos de tamanho semelhante ou maior que o plagioclásio, contendo inclusões tanto de albita quanto de cassiterita; moscovita hidrotermal ocorre como lamelas finas e irregulares, que aparecem substituindo o plagioclásio e a moscovita primária, provavelmente devido a greisenização. A apatita é o último mineral a se cristalizar possuindo, portanto, hábito totalmente irregular, preenchendo os interstícios deixados após a solidificação dos demais minerais, configurando textura poiquilítica. O hábito ripiforme dos cristais de albita, as texturas de fluxo e, provavelmente, do tipo snow-ball são indicadores de processos magmáticos. A associação entre albititos, granitos evoluídos e pegmatitos, além do formato em bolsões, sugere que os albititos tenham se formado a partir de magma muito evoluído, rico em voláteis e pouco viscoso, o que teria facilitado sua remoção, deixando acumulações do sólido inicial, no caso a albita, em bolsões com estruturas de fluxo.

PALAVRAS-CHAVE: ALBITITO; TURMALINA-ALBITA GRANITO; PROVÍNCIA ESTANÍFERA DE GOIÁS.